

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

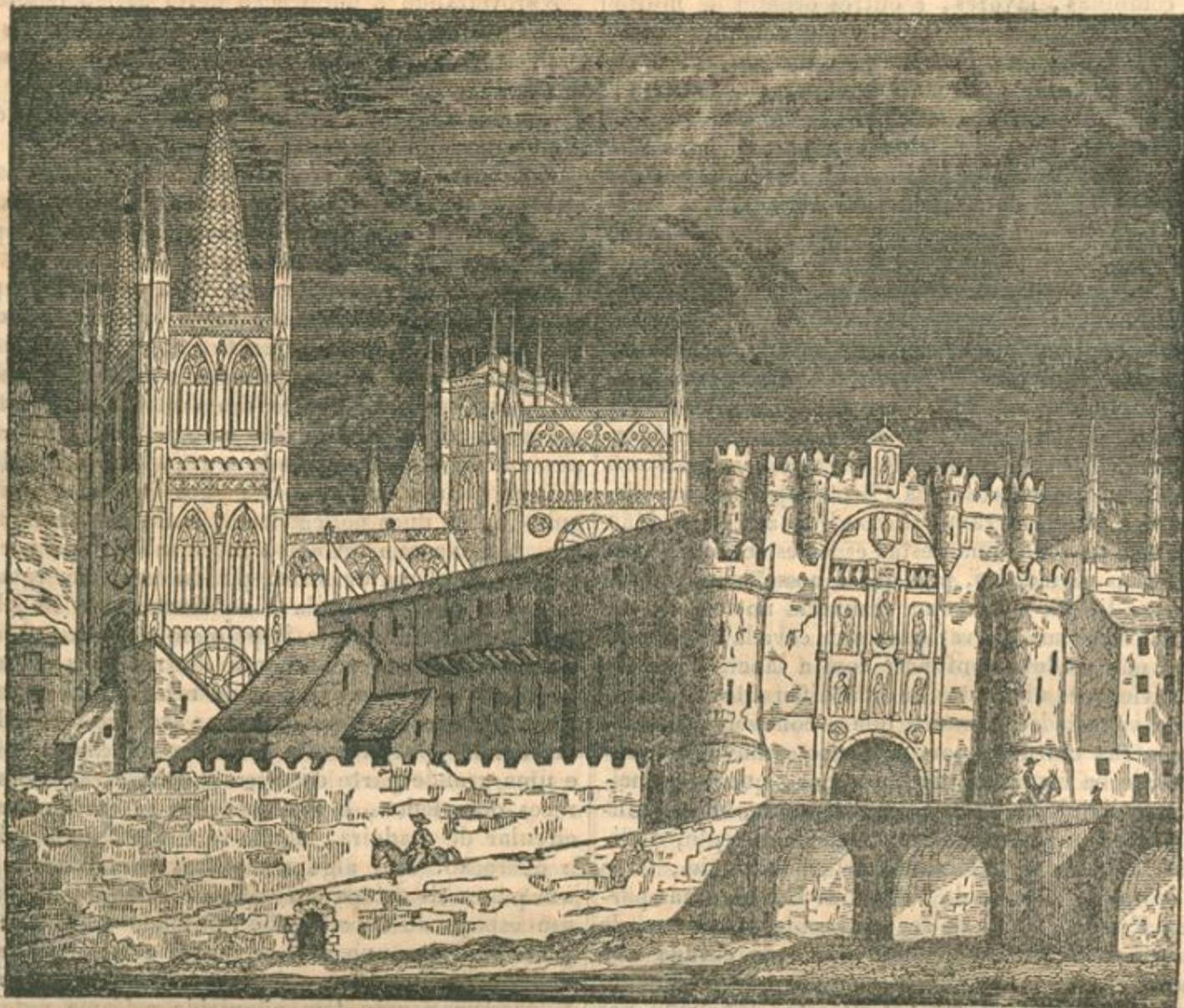
DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

100)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

(MARÇO 30, 1839



CIDADE DE BURGOS.

SUPPOSERAM alguns que a cidade de Burgos, em Hespanha, era de origem romana: parece porém averiguado que a sua primeira povoação data do reinado de Affonso 1.^o, monarcha das Asturias e de Leão. Em 884, governando Affonso 3.^o, se incorporaram os seis logarejos, que occupam o territorio, onde pouco a pouco se foi erguendo esta antiga capital da Castella a Velha.

Em quanto Burgos foi residencia da côrte alternadamente com Toledo, o commercio e a industria floresceram, e as fabricas se multiplicaram: as suas feiras foram numerosas e opulentas; e servia de meio de comunicação para todo o trafico que se fazia do interior da Hespanha com os varios portos da bahia de Biscaia. Ahi residiam muitos negociantes estrangeiros; e por esta via se exportavam para toda a Europa os excellentes pannos de Segovia. Porém, quando Carlos 5.^o transferiu a sede da monarchia, no começo do seculo 16.^o, para Madrid, a prosperidade desta praça foi rapidamente declinando, e no decurso de tres gerações empobreceu-se e despovoou-se a ponto que dos seus 40:000 habitantes viu-se reduzida a 9:000, restando-lhe apenas a honra es-

teril de antiga capital, e de ser cabeça de um *partido* ou provincia, e residencia do arcebispo de Burgos.

Esta cidade conserva certa apparencia de antiguidade. É irregular, mas formando uma especie de semi-circulo, em parte cingido de muralhas antigas, banhadas pelo Arlanzon, o qual se passa em tres pontes de cantaria que dão serventia para os suburbios. Burgos tem um bello passeio, hortas e jardins com aguas perennes. O campo sancto, ou cemiterio, é outro passeio frequentado no inverno, e ha poucos annos aformoseado. As ruas são apertadas e tortuosas, algumas porém são melhores, especialmente a que vac direita á sé. Das muitas praças que tem, apenas merece menção a que está situada no meio da cidade, com a estatua de Carlos 3.^o Os chafarizes são copiosos; e a entrada principal é a porta de Sancta Maria em uma das pontes que acima dissemos. Esta porta foi construida para commemorar os fundadores da monarchia castelhana, e os homens illustres que concorreram para a gloria e engrandecimento desta, e cujas estatuas adornam o monumento; entre ellas as de Fernão Gonzalez, do Cid, de Carlos 5.^o, e de Diogo Porcelos. Nos sitios onde

os dois primeiros heroes tiveram seus palacios existem tropheus á sua memoria: em honra do Cid campeador um mausoleu, e de Fernão Gonzalez, primeiro conde de Castella, um arco triumphal, que é obra de primor.

A sé de Burgos é um formoso e bem conservado specimen da architectura gothica: foi começada em 1221 por Fernando 3.^o, o sancto, mas acabada alguns seculos depois. Este templo é aformoseado com estatuas, columnas, lavores, e outros ornatos de muito gosto e perfeição, especialmente nas entradas denominadas *del Perdon*, *Pellejaria*, e dos *Apostolos*. A obra mais singular e de mais esmero, que encerra, é a capella dita *del Condestable*.

O clima de Burgos é frio: os seus arredores são formosos. Conserva algumas manufacturas, e por ella se faz caminho de Madrid para França.

CEVADA CELESTE.

Posto se contem doze especies de cevada, genero da familia das gramineas, todavia são quatro as que merecem particular attenção, consideradas ellas como plantas cereaes, taes são a cevada commum, *hordeum vulgare* de Lin., a cevada de seis renques, *hordeum hexastichon*, a cevada sancta [Brotero], *hordeum distichon*, e a cevada pyramidal, *hordeum zeocriton*. Não fallaremos de cada uma destas especies, e muito menos de suas variedades, pois que o nosso assumpto sómente se limita a dar uma resumida noticia da cevada celeste, uma das variedades da cevada commum, a qual não se deve confundir com a sancta, por serem variedades distinctas de duas differentes especies.

Esta variedade ha muito que é conhecida na Europa; a sua cultura, porém, pouco se havia generalizado até ha cousa de dezoito annos, que se principiou a multiplicar na Belgica, denominando-a, ainda que mui impropriamente, trigo do Egypto, e trigo de Maio, e na Alemanha trigo de David, trigo de Jerusalem, e trigo de Valaquia. Em algumas partes da França, além de ser conhecida pelo nome de cevada celeste, dá-se-lhe tambem o de cevada nua de seis renques, por que o seu grão que facilmente se separa da espiga, em vez de estar envolvido por uma casca grossa, dura e paleacea, como as outras cevadas, acha-se sómente cuberto d'uma delgada pellicula, como o do trigo, e o do centeio, tendo muita semelhança com este. Ella é mais productiva que a cevada nua de dois renques, *hordeum distichon nudum*, a sua palha é mais alta, e póde-se considerar, segundo os repetidos ensaios feitos na Belgica, como excellente cereal, de que a agricultura deve aproveitar-se. Tal é a opinião de Vilmorin, que Thier portilha.

“Ha muito tempo, diz este ultimo, que se cultivava esta variedade de cevada, e é para admirar que a sua cultura nos terrenos fertes não se tenha vulgarizado mais cedo, e mais geralmente; ella reúne tudo quanto póde fazer recommendavel um cereal de primavera: é robusta, o seu producto é certo, filha muito, o colmo é forte, dá grande porção de grão nutriente, a palha é excellente, e tão boa como a do trigo, e em proporção do grão é mais abundante que a da cevada commum.”

A sua cultura não differe da das outras cevadas, quer porém um terreno fertil, rico e bem preparado, e ser semeada cedo para ter tempo de filhar antes que o calor a faça espigar; todavia nos climas temperados póde-se semear mesmo por todo o Maio, dizendo-nos Dombasle haver obtido uma bella colheita de uma sementeira feita aos 2 de Junho.

A cevada celeste, posto seja mais difficil ácerca da qualidade do terreno, todavia deve-se abraçar a sua cultura, por que o seu grão tem mais valor, podendo entrar na fabricação do pão, ao qual de modo algum communica o sabor particular ao de cevada; e a sua casca é tão fina que deixa vér a travez o grão que cobre, e sendo moído produz mui pouco farello. Um quarto da sua farinha com tres quartos da de trigo faz excellente pão.

Aproveitando a publicação deste artigo descreveremos o processo, que se segue em alguns paizes estrangeiros para se fazer a cevadinha, impropriamente chamada *cevadinha de França* [1], processo que deveramos adoptar e generalisar, visto o grande consumo que della fazemos.

Em outro tempo era a Hollanda a unica nação que preparava a cevadinha, levando-a depois a todos os paizes; hoje porém se prepara em muitas partes da Alemanha e da Belgica.

Fórma-se uma perfeita idéa desta operação, representando-se um moinho de trigo com as suas duas mós horisontaes, a de baixo firme, e a de cima movediça, que em muitos estabelecimentos é de madeira. A mó superior differe das do trigo pelas estrias ou meias-cannas practicadas na sua face inferior em numero de 6 ou 8, segundo a grandeza, e distribuidas em quarto de circulo, menos escavadas nos angulos, e de duas pollegadas d'altura nas extremidades. A caixa que envolve a mó é substituida por um tambor de chapa de ferro, picado como um ralador, contra o qual a cevada é continuamente impellida pela corrente d'ar que imprimem as meias-cannas: em virtude deste movimento centrifugo a cevada é impellida contra as pontas do ralador, as quaes limam, por assim dizer, a casca, até que a cevada se arredonda. Durante esta continua rotação, a farinha e uma grande parte da casca passam atravez dos buracos do ralador, e vão depositar-se em uma caixa circular de madeira, donde se tiram, finda que fór a operação. Em alguns moinhos contentam-se por um panno de estopa em volta do ralador, deixando um espaço de 2 pollegadas, fechado porém na sua parte superior, no qual se recebe a farinha que vae depositar-se no cofre a que corresponde. Quando se julga que o grão tem adquirido a fórma redonda, como as perolas, abre-se uma pequena porta practicada no ralador, a qual corresponde a um grande sacco, dá passagem ao resto da casca e cevadinha, sendo tudo impellido para esta abertura, em virtude do movimento centrifugo. Finalmente lança-se em differentes peneiras, que separam a cevadinha, a farinha e o farello.

Á vista do processo que acabámos de descrever, vê-se que a cevadinha não é outra cousa mais do que a cevada descascada e arredondada em um moinho de particular construcção; muito se enganam, pois, aquelles que pensam ser ella a semente do milho zaborro branco, *holcus sorghum* de Lin., que entre nós se cultiva.

*
O precedente artigo foi remettido á redacção deste Jornal pelo Sr. F. J. Pereira Rubião, a quem já devemos o artigo publicado no principio do antecedente volume ácerca do alcoometro centesimal, e de quem esperámos mais alguns trabalhos importantes sobre a agricultura e industria. Conjunctamente com esta noticia elle mandou á Direcção da Sociedade um sacco de semente do cereal a que o seu artigo é dedicado, para se distribuir por aquelles subscriptores do Panorama, que tiverem proporções pa-

(1) Dizemos impropriamente por ser processo mui pouco practicado em França, a qual tira da Belgica a maior parte daquella que consome.

ra experimentarem a sua cultura; e não sendo talvez possível, por causa de não haver avultada porção, satisfazer todos os pedidos, será a dicta semente distribuída pela Direcção áquelles Srs. Assignantes que primeiro a mandarem buscar. Não sabemos se esta casta de cevada já tem sido cultivada em Portugal; mas o nosso digno e patriótico Accionista e Correspondente nos diz que de França trouxera a semente della em 1835, e que a distribuía por varias pessoas, uma das quaes é o Sr. J. E. de Brito e Cunha, que a tem cultivado com prosperos resultados e avantajado proveito.

O EFEITO DAS BOAS LEIS.

A SITUAÇÃO em que se achavam os estados do papa antes da invasão franceza, e a mudança que nelles se viu logo que essa invasão succedeu, é um dos exemplos mais memoraveis de quanto podem as boas leis, quando o encargo de as executar está entregue a homens intelligentes, firmes, e rectos.

Não havia nos fins do seculo passado paiz algum na Europa onde se commettessem tantos e tão atrozes crimes como nos estados romanos. Poucas festas se passaram abi sem sangue: o espirito de vingança se tinha convertido em ponto de honra, que só com mortes se contentava. Havia assassinos de profissão que, segundo os ajustes, se encarregavam do desagravo alheio. As mais leves rixas acabavam ás punhaladas, que eram tão frequentes, que se tinha fundado em Roma um hospital chamado *Della Consolazione*, só para se tractarem homens feridos em espéras ou brigas; e como se houvesse o intento de fomentar o crime, as egrejas, e outros logares privilegiados, proporcionavam aos mais desalmados criminosos bastos asylos, d'onde mui a seu salvo, podiam affrontar a colera das familias das suas victimas, e a vindicta das leis.

Existiam, nomeadamente, na parte meridional dos estados pontificios, grossos bandos de banidos, que publicamente exercitavam o officio de ladrões. Estanceando pelos bosques e montanhas, dalli saíam aos ranchos, mettiam-se na estrada, roubavam os passageiros, e matavam-os se lhes resistiam. Quando a prêa não lhes parecia proporcional á riqueza que suppunham teriam os miseraveis que lhes caíam nas mãos, ficavam com refens, os quaes muitas vezes eram creanças e mulheres, que elles conduziam ás cavernas que lhes serviam de colheita; mandavam dizer ás familias destes infelizes que os resgatassem, apontando logo o prazo e o preço; e se o resgate não chegava no dia apontado, matavam infallivelmente os captivos.

Este systema de ladroice vogava desde tempos antiquissimos, com organização permanente, e de certo modo regular. Quando entraram os francezes, existiam bandos de homens que andavam nesta vida havia dez, vinte, e até trinta annos: uma grande porção do povo estava ligado com elles: outros tremiam só de lhes ouvir o nome. Os homens honrados receavam ajudar as auctoridades a persegui-los, e até dar-lhes em segredo indicios ou alvitres para os prenderem; porque chegavam estes salteadores a ponto de perseguirem annos a fio os camponezes que os denunciavam, e em os colhendo ás mãos, matarem-os, e esquarteja-los.

O que mais era de deplorar, e que custa não só a dizer, mas ainda a imaginar, é que a opinião publica não punha o ferrete da infamia em malvados carregados de tantos crimes. Pelo contrario, interessavam-se no bom successo das suas emprezas, e á

familia de qualquer salteador, ufanava-se de lhe pertencer: aproveitava-se do terror que inspirava o seu nome para opprimir as outras familias, impor-lhes tributos, obriga-las a trabalharem gratuitamente nas suas fazendas, e até a haverem de tracta-las com respeito. Cousa frequentissima era preferirem as raparigas o cazarem com um bandoleiro a serem mulheres de um lavrador pacifico: e do mesmo modo acontecia muitas vezes que travando-se de razões a mulher de um salteador com a de outro morador da povoação em que vivia, lhe lançava em rosto, como grande affronta, o não ser cazada com um homem capaz de viver nas montanhas.

A applicação das leis francezas fez mudar de face um paiz em que o crime tinha lançado tão fundas raizes. Passados poucos tempos depois de postas em vigor essas leis, a maior parte dos salteadores e assassinos haviam sido entregues nas mãos da justiça. O direito d'asylo foi inteiramente abolido. A quasi certeza do castigo substituiu a quasi certeza da impunidade: os bandos não tornaram a engrossar; as estradas ficaram limpas, e os aldeões tranquilos. O numero dos assassinos e das punhaladas diminuiu rapidamente, e com grande admiração de todos soube-se em Roma, que o hospital da Consolação, fundado para se curarem os feridos em arruados e espéras, estava quasi deserto, e a bem dizer se tornára inutil.

EXCESSO DE ZELO RELIGIOSO.

UMA freira velha irlandeza, ouvindo dizer que o sultão Mahmud, hoje reinante, trabalhava por fazer reformas no seu paiz, acreditou que tinha chegado o tempo de o converter a elle e a todos os seus vassallos á fé catholica, e cheia de sancto enthusiasmo saiu do seu convento, e chegou a toda a pressa a Constantinopola. Pensou a pobre senhora que a civilização do seculo 19.^o consistia em o povo, que se civilisava, abraçar as idéas religiosas dos seus vizinhos, e agoniou-se muitissimo contra todos os que pretenderam provar-lhe que a sua opinião não era inteiramente exacta. Estava, enfim, resolvida a trabalhar affincadamente em levar a cabo a sua missão, tractava de ir prégar ao grão-senhor, e de estabelecer um convento de freiras, quando o embaixador inglez, na córte ottomana, e varias outras pessoas, com quem ella travára amisade, lhe mostraram que era impossivel tirar bom fructo da sua empreza, e com grande custo a moveram a abrir mão do negocio. Não lhes ficou, todavia, obrigada a velha freira por tão bons serviços, antes os accusou de terem posto obstaculos ao seu pio zelo; mas nem por isso perdeu as esperanças de, dentro de alguns annos, poder tirar a sua a limpo. Passar, porém, em Constantinopola, o prazo que cumpria esperar, era aspero para uma religiosa, e por isso, em quanto não chegava o momento favoravel, pediu o seu passaporte, e recolheu-se outra vez á Irlanda.

VAIDADE DOS JUIZOS HUMANOS.

É tão baixo, rasteiro, e levanta-se tão pouco da terra o juizo humano, que, quando vê a doce e florente fortuna dos viciosos, e as necessidades, affrontas e enfermidades dos virtuosos, e que aos perversos succedem á vontade seus atrevimentos e conselhos diabolicos, e que correm pelas aguas dos bens desta vida com as velas inchadas de ventos prosperos, e aos bons tado acontece ao revez em todas suas emprezas, não penetrando á causa disto, nem a providencia divina

em todas as cousas, cuida que vem acaço; que são as-
tres ou desastres; finge fortunios e infortunios; e ca-
noniza ditas e desditas, venturas e desventuras, ou
blasphema de Deus. — *Arraes.*



SUPPLICIO DA DONZELLA D'ORLEANS.

O NOME historico de Joanna d'Arc, mais conhecida por *Donzella d'Orleans*, é hoje pouco ignorado, por quanto grande numero de escriptos tem vulgarizado a catastrophe desta heroína, victima desgraçada da vingança, em seculos meio-barbaros.

Joanna d'Arc nasceu em Domremy, aldêa de França, em um valle regado pelo Mosa. O caracter desta camponêza, que a sua condição parecia condemnar á obscuridade, distinguio-se logo nos primeiros annos; era seria, pensativa, amiga da solidão, e inclinada aos exercicios de fervorosa piedade; em summa, era alheia em tudo aos habitos e propensões das pessoas da sua idade: acostumou-se ao trabalho dos campos, que enrijam o corpo, e até se adestrou em montar e sopear um cavallo. Todas estas circumstancias revelavam alma forte, e imaginação ardente.

Guerras calamitosas assolavam a patria de Joanna; e os inglezes cercando Orleans, punham esta cidade em extremo aperto; o solio de Carlos 7.^o estremecia com os abalos de multiplicados revezes. Nesta conjunctura a *Donzella d'Orleans*, abandonando os lares paternos, imbuida com ficticias visões que lhe representava a phantasia escandecida, appresenta-se na côrte de França como uma antiga sacerdotisa inspirada, vestida d'homem, armada como um soldado, narrando suas revelações e extases, e clamando que lhe estava reservada a salvação do seu paiz. Sobre este facto accumulam alguns escriptores circumstancias que a razão não pôde admittilas como verdadeiras: fosse porém como fosse, Joanna, a força de instancias, conseguiu na côrte o credito que de principio lhe fôra recusado; e collocada á frente de corpos de tropa, peleijou, venceu batalhas, desbaratou os inglezes, e os obrigou a levantar o sitio de Orleans em 1429, conduzindo depois Carlos 7.^o a Rheims para abi ser sagrado. Atraçoada, enfim, pela fortuna, caíu em mãos dos seus inimigos; e a recompensa do seu patriotico heroismo foi

uma fogueira inquisitorial, vendo-se abandonada pela negligencia e frouxidão desse mesmo monarcha, a quem tão zelosamente servira.

O duque de Bedford a quiz condemnar por feitiçeira; mas suscitando-se entre este, e o vigario geral da inquisição, Martin, e Pedro Cauchon, bispo de Beauvais, um conflicto de jurisdicção, por uma successão d'intrigas a victima passou a um tribunal ecclesiastico evidentemente comprado pelo ouro inglez. Em Ruão se instaurou este monstruoso processo, eterno monumento de infamia e de barbaridade: em Ruão se executou a iniqua sentença que condemnou Joanna a ser queimada viva, para saciar o odio de seus inimigos, exasperados por se verem rotos nos campos de batalha pelos esforços de uma donzella inexperiente de guerras, e que, quando morreu, contava apenas vinte annos.

Carlos 7.^o, que nenhuma diligencia fez para libertar a infeliz Joanna, a quem tanto devia, contentou-se em mandar rehabilitar a sua memoria, cinco annos depois: mas a gloria da victima não carecia desta formalidade, e Carlos enganou-se se pretendeu assim declinar a sua responsabilidade perante o juizo imparcial dos vindouros. Os juizes, que condemnaram a *Donzella d'Orleans*, ficaram sendo objecto d'horror para os francezes, e até para os inglezes. Luiz 11.^o, assentando que seu pae não fizera bastante revogando a sentença, mandou formar processo aos juizes; mas já quasi todos eram mortos, restavam só dois, que soffreram a pena de Talião.

A ABOBADA.

Chronica Monastica.

[1401]

III

MESTRE OUGUET.

JUNCTO a uma das columnas da egreja de S. Maria

da Victoria estava levantado um estrado, sobre o qual se via uma grande e macissa cadeira de espaldas, feita de castanho, e lavrada de curiosos bestiões e labores: era este o logar onde elrei devia assistir ao auto da adoração dos reis: no mesmo estrado havia varios assentos razos para nelles se assentarem os fidalgos e cavalleiros que o acompanhavam: defronte do estrado e collocado ao pé do arco da capella do fundador corria para um e outro lado da parede um devoto presepio [1], mui erguido do chão, e representando serranias agrestes, ao sopé das quaes estava armada uma especie de choça, onde sobre a tradicional manjadoura se via reclinado o menino Jesus, e de Joelhos juncto delle a Virgem e S. José, acompanhados por varios anjos, em acto de adoração: diante da cabana corria, no mesmo nivel, um largo e grosseiro cadafalso de muitas táboas, para o qual, por um dos lados, davam serventia duas grossas e compridas pranchas de pinho, por onde deviam subir as personagens do auto.

Tanto que elrei saíu da porta do cruzeiro que dá para a sacristia, encaminhou-se pela igreja abaixo, e veio assentar-se na cadeira de espaldas, conduzido por Fr. Lourenço, que com todos os modos de homenagem offereceu os assentos razos aos demais cavalleiros e fidalgos.

Pela mesma porta da sacristia saíram logo as primeiras figuras do auto, que descendo ao longo da nave subiram ao cadafalso pelas pranchas de que fizemos menção.

Estas primeiras figuras eram seis, formando uma especie de prologo ao auto. Tres que vinham adiante representavam a Fé, a Esperança, e a Caridade: apoz ellas vinham a Idolatria, o Diabo, e a Suberba; todas com suas insignias mui expressivas e a ponto; mas o que enlevava os olhos da grande multidão dos espectadores era o Diabo, vestido de pelles de cabra, e com um rabo que lhe arrastava pelo tablado, e seu forcado na mão, mui vistoso e bem posto. Feitas as venias a elrei, a Idolatria começou seu arrazoado contra a Fé, queixando-se de que ella a pretendia esbulhar da antiga posse em que estava de receber cultos de todo o genero-humano, ao que a Fé acudia com dizer que *ab initio* estava apontado o dia em que o imperio dos idolos devia acabar, e que ella Fé não era culpada de ter chegado tão asinha esse dia. Então o Diabo vinha lamentando-se de que a Esperança começasse de entrar nos corações dos homens; que elle Diabo tinha jus antiquissimo de desesperar toda a gente; que se dava ao demo por ver as perrarias que a Esperança lhe fazia; e com isto careteava com taes momos e tregeitos, que o povo ria a arrebrantar, o mais devotamente que era possível. Ainda que o Diabo fizesse de truão da festa, nem por isso a sua contendora, a Esperança, dava descargo de si com menos compostura, do que a tão honrada virtude cumpria, dizendo que ella obedecia ao senhor de toda-las cousas, e que este vendo e considerando os grandes desvairos que pelo mundo iam, e como os homens se arremessavam desacordadamente no inferno, a mandára para lhes apontar o direito caminho do ceu; e por aqui seguia com razões mui devotas, e discretas, que moveriam a devotissimas lagrymas os ouvintes, se a devoto riso os não movesse o Diabo com seus tregeitos e visagens, como, com bastante agudeza, reflecte o auctor da antiga chronica, de que fielmente vamos transcrevendo esta veridica historia. A Suberba, que estava impando, ouvidas as razões da Esperança, travou

della mui rijo, e com voz torvada, e rosto acceso, começou de bradar, que esta dona era sandia, porque entendera enganar os homens com vaidades de incertos futuros, e sustenta-los com fumo; que pretendia contra toda a ordem de boa razão, que a gente vil houvesse igual quinhão no ceu com os senhores e cavalleiros, o que era descommunal ousadia, e fóra de geral opinião, e direito, indo por aqui discorrendo com remouques mui orgulhosos, como a Suberba que era. Não soffreu porém o animo da Caridade tão descomposto razeoar de sua figadal inimiga, e lh'o atalhou com tomar a mão naquelle ponto, e notar que os filhos de Adão eram todos uns aos olhos do Todo-Poderoso; que a Suberba inventara as vaãs distincções entre os homens, e que á vida eternal mais amorosamente eram os pequenos e humildosos chamados, do que os potentes, o que provou claramente á sua contraria com bastos textos das sanctas escripturas, de que a Suberba ficou mui corrida, por não ter contra tão grande auctoridade resposta cabal. E acabado o dizer da Caridade, um anjo subiu ao cadafalso, para dar sua sentença, que foi mandar recolher ao abysmo a Idolatria, o Diabo, e a Suberba, e annunciar ás tres virtudes que as ía elevar ao ceu, onde reinariam em gloria perduravel. Então o Diabo, fazendo horribilissimos biocos, pegou pelas mãos ás duas companheiras, e fugiu pela igreja fóra com grandes apupos e doestos dos espectadores. Guiando as tres virtudes, o anjo [por uma daquellas liberdades scenicas que ainda hoje se admittem, quando, nas vistas de marinha, o actor, que vem embarcado, desce dois ou tres degraus, das ondas de papelão para a terra de soalho] em vez de subir ao ceu, como annunciára, desceu pelas pranchas, que davam para o pavimento da igreja, e caminhando ao longo da nave, se recolheu á sacristia, acompanhado da Fé, Esperança, e Caridade, tão victoriadas pelos espectadores, como apupado fóra o Diabo e as suas infernaes companheiras.

Ainda bem não eram recolhidas estas figuras, quando, pela mesma porta do cruzeiro, saíram os tres reis magos, ricamente vestidos ao antigo, com roupas talares de fina téla, mantos reaes, e coroas na cabeça: adiante vinha Balthasar, homem já velho, mas bem disposto de sua pessoa, com aspecto grave e auctorizado, e com umas barbas, posto que brancas, bem povoadas: logo apoz elle vinha o rei Belchior, e a este seguia-se Gaspar: traziam todos suas bocetas, em que eram guardados os preciosos dons, que ao recém-nascido vinham de longes terras offerter. Subindo ao cadafalso, disseram como uma estrella os guiára até Jerusalem, e como desta cidade, depois de mui trabalhado e duvidoso caminho, tinham acertado em vir a Belem, e com grande folganga encontravam ahi o presepe, para fazer seu offertorio, o que em verdade era cousa mui piedosa d'ouvir. O rei Balthasar, como mais velho e sisudo, foi o primeiro que ajoelhou juncto do presepe, e com voz mui entoada, e depondo ante o menino seus presentes, disse:

Sancto filho de David,
Divinal
Salvador da triste raça
Humana,
Que descestes lá do assento
Celestial;
Vós da gloria imperador
Eternal,
Acceitae este offertorio
Não real;
Pobre si. E quanto posso:
Não hei al.

(1) Presepio, ou presepe, significa propriamente um estabulo, ou estrebaria; mas a acceção vulgar desta palavra é a de uma especie de embrechado, ou palragem de vulto, representando a choça de Belem, em que nasceu o Salvador.

O que fôra compridoiro
De auto tal
Bem o sei; andei más vias,
Por meu mal;
Que dez dias prantei tendas
De arrayal
Nas soidões fundas d'Arabia,
Mui fatal.
Meus camellos ha tignano
Sol mortal;
E o de vento do deserto
Vendaval.
O presente que ahi vêdes
Pouco val;
É de incenso esta boceta,
Tal e qual;
Que o thesouro que eu trazia,
Mui cabal,
Soterrou-mo a tempestade
No areal.

E com isto o veneravel rei Balthasar, depois de fazer sua oração em voz baixa, se ergueu; e o rei Belchior, ajoelhando, e depondo a urna que trazia nas mãos ante o presepe, disse:

Vindo sou lá do Cataio
A adorar-vos alto infante,
Redemptor:
Não me poz na alma desmaio
Ser de terra tão distante,
Rei senhor.
É bem torva a minha face:
Minhas mãos tingidas são
De negrura;
Mas na terra onde o sol nace
Mais se cobre o coração
De tristura;
Porque o torpe Mafamede
Sua crença mui sandia
Mandou lá;
E não ha quem della arrede
Essa gente, que aperfia
Em ser má.
Real tronco de Jessé
Mui ferimoso, se eu podéra
Vos levára;
E comvosco a vossa fé:
Os incréos eu convertera,
E salvára.
Ora quero ver se peito
São José, que é vosso padre...

Um sussurro, que começára no momento em que o rei preto ajoelhou, e que mal deixara ouvir a precedente loa [obra mui prima de certo leigo, affamado jogral daquelle tempo] cresceu neste momento a tal ponto, que o corista, que fazia o papel de Belchior, não pôde continuar, com grande dissabor do poeta, que via murchar a corôa de louros, que neste auto esperava obter. O povo agitava-se, e do meio delle saíam gritos descompostos, que augmentavam o tumulto. Elrei se tinha erguido, e junctamente os demais cavalleiros e fidalgos: todos indagavam a origem do motim; mas não havia acertar com ella: emfim, um homem, rompendo por entre a multidão, sem touca na cabeça, cabellos desgrenhados, boca torcida e cuberta de escuma, olhos esgazeados, saltou para dentro da téa, que fazia um claro em roda do tablado. Apenas se viu só, dentro daquelle recinto, ficou immovel, com os braços estendidos para o tecto, as palmas das mãos voltadas para ci-

ma, e a cabeça encolhida entre os hombros, como quem, cheio de terror, via sobre si desabar aquellas altissimas e macissas arcarias.

“Mestre Ouguet!” — Exclamou elrei espantado.

“Mestre Ouguet!” — Gritou Fr. Lourenço, com todos os signaes de assombro.

“Mestre Ouguet!” — Repetiram os cavalleiros e fidalgos, para tambem dizerem alguma cousa.

“Quem falla aqui no meu nome?” — rosnou David Ouguet, com uma voz comprimida e sepulchral — “Malvados! Querem assassinar-me?! Querem arrojar sobre mim esse montão de pedras, como se eu fôra um cão judeu, que merecesse ser apedrejado?! Oh meu Deus! salvae a minha alma!” — E depois de um breve silencio, em que pareceu tomar folego: “Não vos chegueis ahi! — bradou elle — Não vedes essas fendas profundas como o caminho do inferno? São escuras; mas atravez dellas lá enxergo eu o luar: — vós não, porque vossos olhos estão cegos... porque o vosso bom nome não se escôa por lá!... Cegos?... Não vós!... mas elle!... Elle é que se ri e folga em sua orgulhosa suberba! — Vêde como escancára aquella boca hedionda; como revolve, debaixo das palpebras cubertas de vermelhidão, aquelles olhos embaciados! — Maldieto velho, foge diante de mim!... Maldieto, maldieto! — Curvada já no centro... sentia-a escaliçar e ranger... Estavas tu assentado em cima della?... Feiticeiro!... anda, que eu bem ouço as tuas gargalhadas!... Não ha um raio que te confunda? — Não!”

Dizendo isto, mestre Ouguet cubriu a cara com as mãos, e ficou outra vez immovel.

Elrei, os cavalleiros, os padres mais dignos, que estavam de roda do estrado real, os reis magos, os populares, todos olhavam pasmados para o architecto que assim interrompera a solemnidade do auto. Um silencio profundo succedera ao ruido, que a aparição daquelle homem desvairado excitára. Milhares de olhos estavam fitos nesse vulto, que semelha-va uma larva de condemnado, saída das profundezas para turbar a fésta religiosa: por mais de um cerebro passou este pensamento: em mais de uma cabeça os cabellos se eriçaram de horror; mas dos que conheciam mestre Ouguet nenhum duvidou de que era elle em corpo e alma. — Que proveito tiraria o demonio de tomar a figura do architecto para fazer uma das suas irreverentes diabruras? Só uma supposiçãõ havia, que não era inteiramente desarrasoadã: David Ouguet podia estar possesso, em consequencia de algum grave peccado: peccado que talvez tivesse escondido na ultima confissão, que fizera na vespera de Natal. Isto era possível — até natural; — que não vivia elle a mais justificada vida. Suppor que endoudecera parecia grande desproposito; porque nenhum motivo havia para tal lhe acontecer, quando merecera os gabos d'elrei e de todos, por ter levado a cabo a grandiosa obra que lhe estava encommendada. Estes e outros raciocinios, hoje ridiculos, mas, segundo as idéas daquelle epocha, bem fundados e correntes, fazia o reverendo padre procurador Fr. Joanne, que tinha vindo assistir ao auto, e estava em pé atraz do estrado, e perto de Fr. Lourenço Lamprea. Revolvendo taes pensamentos, no meio daquelle silencio ancioso em que todos estavam, não pôde ter-se que, pé ante pé, se não chegasse ao prior, e lh'os communicasse em voz baixa, e ao ouvido.

“Não vou fóra disso: — respondeu o prior, que, enquanto o outro frade lhe fallára, estivera dando á cabeça em signal de approvaçãõ. — “O olhar espantado, o escumar, o estorcer os membros, o fal-

lar não sei de que feiticeiro, tudo me induz a crer que o demonio se chantageou naquella miseravel corpo, como vós aventais. Se assim é, pouco juizo mostrou desta vez o diabo, em vir com seus esgares e tropelias atalhar o mui devoto auto da adoração. Examinemos se assim é; e eu vo-lo darei bem castigado.”

Dizendo isto, Fr. Lourenço se chegou a elrei, e lhe disse o quer que foi: elle o escutou attentamente, e tanto que o prior acabou, sentou-se outra vez na sua cadeira de espaldas, e fez signal com a mão aos fidalgos e cavalleiros para que tambem se assentassem.

Fr. Lourenço acompanhado de mais alguns frades subiu pela egreja acima, e entrou na sacristia: todos ficaram esperando, silenciosos, e immoveis como mestre Ouguet, o desfeito desta scena, que se encaixava no meio das scenas do auto, sem com ellas ter mais connexão, do que tinham entre si as de certo drama, que vimos representar ha poucos tempos [não nos lembra em que theatro] com grandes applausos do illustrado publico; drama em que a vida de um homem foi tomada, com edificativa simpleza, por unidade d'acção, e em que os quatrocentos e tantos capitulos ou quadros de que a obra constava podiam mudar de logar quantas vezes se quizesse, sem que d'ahi resultasse a menor ordem ou desordem no andamento da comedia, tragedia, drama, melodrama, farsa, ou o quer que era a tal barafunda dramatica.

Tinham passado obra de tres credos, quando, saindo outra vez da porta da sacristia, Fr. Lourenço voltou pela egreja abaixo, revestido com as vestes sacerdotaes: chegou á teta, abriu-a, e encaminhou-se para mestre Ouguet. Depois, olhando de roda, e fazendo um aceno de auctoridade, disse:

“Ajoelhae christãos: e orae ao Padre eterno por este nosso irmão, tomado do espirito immundo.”

A estas palavras, rei, cavalleiros, frades, povo, tudo se poz de joelhos: — e ouvia-se ao longo das naves o sussurro das orações.

Só mestre Ouguet ficou sem se bulir com o rosto mettido entre as mãos.

O prior lançou a estola á roda do pescoço do possesso, e queria atar os tres nós do ritual; mas o paciente deu um estremeção, e tirando as mãos da cara, fez um gesto de horror, e gritou:

“Frade abominavel, tambem tu és conluado com o cego?”

“Não ha duvida!” disse por entre os dentes o prior: — mestre Ouguet está endemoninhado.”

Tirando então da manga um pergaminho, em que estavam escriptas varias cousas de doutrina, o poz sobre a cabeça do mestre, fazendo sobre elle tres vezes o signal da cruz.

David Ouguet soltou então uma destas risadas nervosas, que horrorisam, e que tão frequentes são, quando o padecimento moral sobrepuja as forças da natureza.

“Cão tihoso — bradou Fr. Lourenço — espirito das trevas, enganador, maldicto, luxurioso, insipiente, ebrio, serpe, vibora, vil e refece demonio, emfim, castelhanó [2]! — em nome do creador e senhor de toda-las cousas, te mando que repitas o credo, ou saias deste miseravel corpo.”

Mestre Ouguet ficou immovel e callado.

“Não cedes! — proseguiu o prior. — “Recorrerei

ao mais terrível exorcismo, ao septimo. — “Veremos se poderás a teu salvo escarnecer das creaturas, feitas á imagem e semelhança de Deus.”

Depois de varias ceremonias, e orações, Fr. Lourenço se chegou ao pobre irlandez, e começou a repetir o conjuro, fazendo-lhe uma cruz sobre a testa, a cada uma das seguintes palavras, que pronunçava:

“Hel — Heloym — Heloa — Sabaoth — Helyon — Esereheye — Adonay — Iehova — Ya — Thetagrammaton — Saday — Messias — Hagios — Ischiros — Otheos — Athanatos — Sother — Emanuel — Agla —”

“Jesus! — bradou a uma voz toda a gente que estava na egreja.

“Inferno! — gritou mestre Ouguet; e caiu no chão como morto.

E houve um momento de angustia e terror, em que todos os corações deixaram de bater, e em que todos os olhos, braços, e pernas ficaram fixos como se fossem de bronze.

Um ruido semelhante ao de cem bombardas, que se houvessem disparado dentro do mosteiro, e que soára da banda da sacristia, tinha arrancado aquelle grido de mil bocas, e tinha convertido em estatuas essa multidão de povo.

Ha situações tão violentas, que, se durassem, a morte se lhes seguiria em breve; mas a providente natureza parece restaurar com dobrada energia o vigor physico e espirital do homem depois destes aballos espantosos; e então, melhor que nunca, elle sente em si que, posto que despenhado, não perdeu a sublimidade da sua origem divina: a reacção segue a acção; e quanto mais tímido o individuo se mostrou, mais viva é a consciencia da propria força, que depois disso renasce, com o destemor e ousadia.

Foi o que succedeu a D. João 1.º, aos cavalleiros do seu sequito, e ao povo que estava na egreja de S. Maria, passado aquelle instante de sobrenatural pavor. A terribilidade da cerimonia que Fr. Lourenço practicava; o ruido inesperado que interrompera o exorcismo; o grito blasphemo do architecto, no momento de cair por terra; o logar; a hora, eram cousas que, reunidas, fariam pedir confissão a uma grande manada de philosophos encyclopedistas, e que, por isso, não é de admirar fizessem uma impressão vivissima em homens de um seculo, não só crente, mas supersticioso. Todavia o animo indomavel do mestre d'Aviz brevemente fez cobrar alento a todos os que ahi estavam.

“É, em verdade, descommunal maravilha o que temos visto e ouvido — disse elle com voz firme, voltando-se para os que o rodeavam — mas cumpre indagar d'onde procede o ruido que veio interromper o mui devoto padre prior no exercicio de seu ministerio tremendo. Souo esse medonho estampido da banda do claustro: vamos examinar o que seja: se diabolico, estamos na casa de Deus, e a cruz é nosso amparo; se natural, que haverá no mundo capaz de pôr espanto em cavalleiros portuguezes?”

Dizendo isto, elrei desceu do estrado, e se encaminhou para a sacristia: os cavalleiros da comitiva, os frades, os tres reis magos [que ainda estavam em pé sobre o tablado] e uma grande parte do povo tomaram o mesmo caminho.

Elrei ia adiante, e o prior era o que mais de perto o seguia. Cruzaram o arco gothico, que dava communicação para a sacristia: ahi tudo estava em silencio: uma lampada que pendia do tecto dava uma luz frouxa e mortiga, e a esta luz incerta e baixa se encaminharam para a porta do capitulo — ao chegar a ella todos recuaram de espanto — e um segundo

(2) O inquisidor Sprenger, no livro intitulado *Malleus Maleficarum*, recommenda aos exorcistas que antes de tudo descomponham e injuriem quanto puderem os possessos, advertindo que não é propriamente estes que recebem as affrontas, mas sim o diabo, que tem no corpo. A conveniencia de tacs doestos, é que para o demonio, pae da suberba, não pôde haver maior pirraça do que descompor na sua cara, sem que elle se possa desaggravar. Veja-se o livro citado, edição de Lyão de 1804 — Tom. 2.º pag. 83.

grito soou, e veio morrer sussurrando pelas naves da igreja quasi deserta:

“Jesus!”

As portas tinham estourado nos seus grossissimos gonços, e muito cimento solto, e pedras quebradas, tinham rolado pelo portal fóra, entulhando-lhe quasi um terço da altura: olhando para o interior daquella immensa quadra não se viam senão enormes fragmentos de cantos lavrados, de laçarias, de cornijas, de voltas, e de relevos: e a lua, que passava tranquilla nos ceus, reflectia o seu clarão pallido sobre este montão de ruínas, semelhante aos monumentos irregulares de um cemiterio christão; e por cima daquelle temeroso silencio, passava o frio leste da noite, e vinha bater nas faces turbadas dos que apinhados na sacristia contemplavam este lastimoso espectáculo.

Dos olhos d'elrei e de Fr. Lourenço caíram algumas lagrymas, que elles debalde tentavam reprimir.

A abobada do capitulo, acabada havia vinte quatro horas, tinha desabado em terra!

(Continuar-se-ha).

PRODUCTOS UTEIS DO REINO MINERAL.

ABUNDA este nosso paiz em tantas produções mineiras, que não se póde deixar de lastimar que a nossa pouca industria nos obrigue a compra-las aos estrangeiros. Já em outros numeros fallámos das *ardesias* ou *lousas* [1], deixando até de fazer menção das lages de Anção, Caminha, Rates e outros logares; também tractámos da *turfa* [2], do amianto [3]; e no nosso numero 40 tractámos ácerca dos *marmores*: em rectificação deste ultimo artigo cumpre-nos addicionar que em Mafra não se encontram boas pedreiras, e que para este sumptuoso edificio se gastou quasi toda a pedra *lioz*, nelle empregada, das pedreiras de Pero Pinheiro, e da Morlena, que ficam a meio caminho de Bellas a Mafra, o qual por certo não chega ao verdadeiro de Paros ou de Carrara, em nitidez e brancura.

Para prova do que dizemos a respeito da abundancia mineral do nosso solo, daremos resumidamente um catalogo por ordem alphabetica dos diversos mineraes, com os pontos locais do nosso Portugal onde elles se encontram—tal qual nos foi enviado por pessoa de credito, que viu umas, e tirou outras informações de boas fontes e escriptos.

Agathas. — Encontram-se em Tagarro.

Aguas-marinhas. — Na serra da Estrella.

Amethystas. — No Gerez.

Antimonio. — Em Vallongo e Murça. A 1.^a destas minas se lavrou desde 1826 até ao meiado de 1828.

Arsenico. — Na serra da Estrella.

Azougue. — Em Coima e nas immediações de Castello-Branco.

Bismuto. — Em Lamego.

Carvão-mineral. — Em Buarcos, S. Pedro da Coiva [onde se explora mui irregularmente], Porto de Moz, Cascaes, Espite, Ourem, na serra da Abelheira [Alémtejo], e no Pinhal de Leiria. — Todas as minas que ha em Portugal deste producto estão arrematadas a uma companhia sómente por 10 contos de réis annuaes.

Chumbo. — No lugar de *Casaes*, termo de Valença, á margem direita do rio *Torto*, logo acima da sua foz, ha uma mina de *galena*. — Além desta a de *Ventozello*, que foi explorada desde 1817 até 1823;

(1) Veja-se o Panorama N.º 33.

(2) Veja-se o Panorama em o N.º 34 e N.º 42.

(3) Veja-se o Panorama N.º 44.

e as de *Murça*, *Lamego*, *Moncorvo* e *Coja*.

Cobalto. — Nas cercanias de Moncorvo perto de Monforte, onde chamam *Pata de gato*, no termo de *Lebução*.

Cobre. — Em Villa-Real ha uma mina cujo ensaio deu 43 por $\frac{0}{0}$; fica no sitio de Villa-chaã, ao pé de Agrellos. — Também ha em Elvas uma mina, que dá 25 por $\frac{0}{0}$; e em Alter, Querença, e em Portalegre [?]: e antigamente se lavrou na serra da Granda.

Cristaes de rocha. — No Gerez, serra da Estrella, e juncto a Portalegre aonde chamam o Paço da Langa.

Enxofre. — S. Pedro da Torre, ao pé de Valença do Minho.

Estanho. — Na Rebordoza, Bragança, Amarante, Bousella, no povo de Roris [para os sitios de Moncorvo], Briosinho da Bemposta de Miranda, onde já houve fabrica, S. João de Lusa, S. Eulalia de Lanhezes, S. Paio [do Minho], e em Viseu, e em Belmonte, na Beira. A mina da Rebordosa se explorou em 1827.

Feldspath. — Proprio para a fabricação da porcelana, encontra-se nas baixas das serras graniticas da Estrella, Cintra &c., separado da mica e do quartz.

Ferro. — As ferrarias da foz d'Alge, onde se fundiu muita artilharia, como se vê de uma memoria ácerca da historia e descripção das mesmas, que o Sr. coronel Varnhagen offereceu á academia, Caraviçaes de Moncorvo, Filgueiras, que fornecia instrumentos de lavoura, além das minas de Penela, Avellar, S. Miguel da Pedreira, Pias e Sovera.

Gesso. — Em Cezimbra ao pé de Sancta-Anna, e proximo a S. Pedro de Muel.

Giz. — Ao pé de Carcavellos [?]

Jacinthos. — Em Bellas.

Molybdeno. — Em Murça, e nas circumvisinhanças de Miranda, no lugar do *Pinheiro-Novo*, aonde chamam *Cormanchão*.

Ouro. — Na Adiga, nas serras da Estrella, e entre Alpalhão e Nisa.

Pedras de amolar. — Em Bellas ha duas pedreiras, uma de *mós* e outra muito fina. — Também ha em *Montezinho* [Tras-os-Montes], e em Bemviver [Minho].

Pedras de lithographar. — Ourem, Cascaes, e n'outros pontos. Ha pouco se formou em Coimbra uma companhia, exclusivamente para a explorar, á testa da qual está o Sr. J. M. Baldy.

Prata. — Os romanos a tiravam do pé de Vallongo, e diz-se haver juncto a Lamego.

Talco. — Nas visinhanças do Porto.

Trachytes. — De linda côr verde ao pé de Cezimbra.

Deixámos de fazer menção das muitas e variadas argilas que temos, tanto para cadinhos, como barro para louça preta em Tondella, barros de oleiros, terra de pisoeiro, gredas, terra saponacea em Soure, Guimarães e Almoester &c. — Pederneiras em todo o reino, especialmente em Rio-Maior, onde ha uma fabrica dellas, Alcantara &c. — do *Alumen*, e sal cathartico proximo a Coimbra, e dos *Lignites* do Cabo, Louzã &c.

Não dêis demasiada liberdade á lingua; lembra-te que ella naturalmente está fechada, e como prisioneira dentro da bôca. — *Quarles*.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.º 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.